

## A poética do desassossego e da insubmissão

**Ronaldo Cagiano**

Desde sua estréia, com *Noturno maior* (1963), até os mais recentes *A memória do pai* (2006) e *Babel* (2007), há mais de quatro décadas, a voz de Álvaro Alves de Faria vem construindo uma obra catártica, movida pela paixão literária e por um profundo sentimento de responsabilidade estética.

Não só por meio de sua poesia densa, pungente e cirúrgica, mas também por uma prosa sutil e reflexiva, tanto na crônica, quanto na ficção e no texto teatral, Álvaro vem arregimentando sua pulsão criativa para estabelecer um sério diálogo com a nossa própria condição existencial, ao mesmo tempo em que estende uma ponte dialética entre os gritos e o silêncio de uma sociedade que vive seus antagonismos e experimenta um veloz e avassalador escalonamento de valores, costumes e referenciais.

Ao reunir, sob a seleção, organização e estudo crítico de Carlos Felipe Moisés, os melhores momentos de sua produção poética, a Global Editora oferece ao leitor um panorama distinto, e ao mesmo tempo revelador, de uma arte comprometida com a compreensão da vida, no que ela comporta de lírica, épica ou dramática. Essa reunião de seus melhores poemas, possibilita um contato com a visão crítica e reflexiva desse escritor antenado e multifacético, que não se constrange em sofrer (e até morrer) pela arte literária, porque não concebe viver sem o pulmão e o farol das palavras.

Diante da grandeza de sua bibliografia, é impossível esgotar qualquer análise crítica em torno de sua obra. No entanto, o primoroso ensaio do organizador, que abre a "Coleção Melhores Poemas", faz um mergulho nos temas recorrentes na obra alvariana, refletindo sobre cada livro e ressaltando todas as nuances de seu processo de construção, que é também tributário de uma energia vital, que brota de sua íntima oficina de inquietações.

Em Álvaro Alves de Faria a escrita vigorosa e contundente não doura a pílula, embora seja capaz de harmonizar a severa denúncia da realidade sem cair nas tentações

panfletárias ou ideológicas; como também de decantar o lirismo que há nos amores e nas paixões, sem desviar-se para a pieguice ou o sentimentalismo. Há um trânsito filosófico e onírico ao passar em revista às razões do coração, aos silêncios que muitas vezes dizem mais que as experiências visíveis e flagram o que há de metafísico e mítico na própria vida.

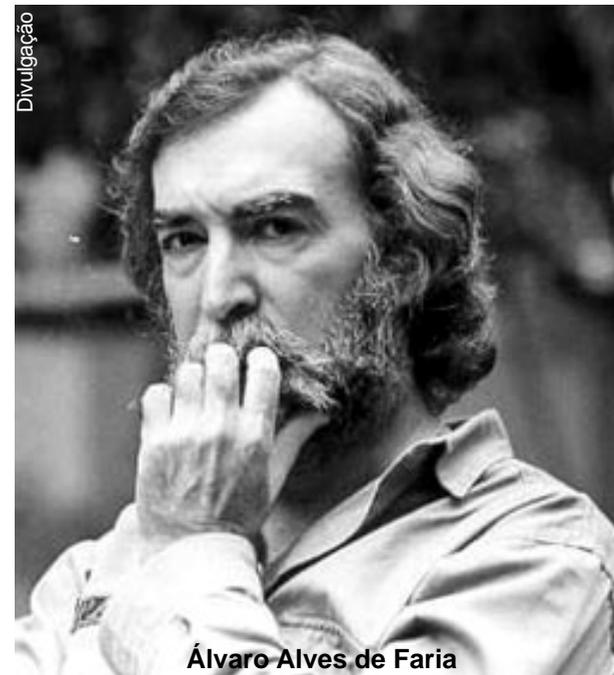
A escritura de Álvaro corrobora aquela perspectiva de que nos falava o saudoso poeta catarinense Lindolf Bell sobre a função provocadora da poesia: "O lugar do poema é onde possa inquietar". Na década de 60, após a decretação dos anos de chumbo pela ditadura militar, Faria saiu às ruas para romper amarras e desatar algemas com a única mas feroz arma de que dispunham os semeadores de utopia: a poesia. Para os espoliadores do estado democrático e de direito, a força da palavra acicatava mais que as bombas, porque seu poder fulminante, que reside na conscientização, incomodava e era preciso deter os que propugnavam pela liberdade de todas as formas de expressão e pensamento. Por isso, foi admoestado, proibido, enquadrado e detido, ao realizar solitariamente, munido de microfones e alto-falantes, nove recitais do "Sermão do Viaduto", tendo sido preso cinco vezes pelo Dops. Sua guerrilha poética chamou a atenção não apenas pela ousadia estética, mas pela oportunidade de se utilizar a arte para combater o horror da censura e o tédio do moralismo stupidificante de uma parte da sociedade que assimilou cacoetes morais e repressivos do reacionarismo político, e, mais tarde, foi objeto de um estudo crítico publicado por Nelly Noaves Coelho, da USP.

Foi um momento epifânico na sua carreira, diria mesmo um divisor de águas. A partir desse episódio, lança-se a um combate sem tréguas, que não tinha apenas motivação política, mas uma atitude permanente de valorização do que é vivo e essencial na arte, sem fazer concessões ao mau gosto, aos modismos, às conveniências de qualquer natureza. Álvaro é um poeta que jamais perdeu sua coerência e vem pavimentando sua trajetória com esse mesmo espírito aguerrido que leva-

va multidões ao viaduto do Chá. Jamais perdeu sua capacidade de espanto e indignação diante das injustiças, sejam as políticas, sejam as perpetradas pelos guetos intelectuais e suas rotulações ruidosas e fetichizantes, que muitas vezes embalam a consciência de certos artistas e os tornam incapazes de discernir o joio do trigo, em detrimento de uma literatura comprometida com a realidade sócio-cultural, com a linguagem, com o pensamento crítico, com os rumos da própria poesia e que responda às demandas e emergências que a própria arte contemporânea reclama.

Álvaro compreende, como Giorgio Agamben, a necessidade de se "reencontrar a unidade de sua palavra fraturada", por isso sua poesia é um permanente exercício de resgate de uma arte tão mutilada pelas invencionices e contorcionismos, é uma tentativa exaustiva, porém fundamental, de recolher seus cacos, após décadas de diluição, falsas rupturas e vanguardices catequizantes, recolocando a palavra poética na ordem do dia, apesar do vazio, da superficialidade, da crise de criação ou quase indignância de que padece atualmente.

Não é sem tempo afirmar que sua poesia se perfila à dos grandes nomes de sua geração, além de manter uma fecunda interface com poetas universais de todos os continentes, com um viés ético-estético que o aproxima de Bandeira, Drummond, Baudelaire, Maiakovski, Lorca, Augusto dos Anjos, João Cabral, Pessoa, Sá-Carneiro, Rimbaud, Verlaine, Jorge de Lima, dentre outros e que a cada novo livro ganha mais força e atualidade. E essa vitalidade resulta da sua insubmissão aos cânones e de sua fidelidade aos princípios que sempre nortearam sua criação. Vem do sopro humanista, da dimensão social, da contundência de um olhar ao mesmo tempo cáustico mas esperançoso, do rigor técnico, do acen-



Álvaro Alves de Faria

to lírico. E também por exprimir os sentimentos conflagrados em nossos territórios íntimos, por denunciar o vazio, pela aguda identidade com a tragédia do existir, com uma fina sintonia entre a tradição e a modernidade, sem perder a lúcida perspectiva da poesia que, apesar de ser um movimento suscetível de metamorfoses, não deve negar seus vínculos com o passado.

Nos últimos anos, Faria vem publicando seus livros de poesia somente em Portugal. Essa mudança de rumos reflete não apenas uma atitude pessoal de volta às raízes familiares ou à compreensão da carga simbólica de sua ancestralidade lusitana, um influxo altamente proustiano de retomar o tempo perdido; mas também para fugir à insularidade ou à indiferença solene - e por que não dizer injusta e criminosa - com que o mercado editorial brasileiro vem tratando os nossos poetas, principalmente os poetas de sua linhagem, cuja contribuição ao panorama da poesia contemporânea brasileira é indiscutível.

A poesia de Álvaro Alves de Faria, agora panoramizada na *Coleção Melhores Poemas*, sintetiza o pensamento de um autor que tem uma visão multidimensional da grandeza e das misérias humanas, o que a particulariza dentro do cenário da bibliografia brasileira.

**Ronaldo Cagiano é escritor e crítico literário.**

## Editorial



Rosely Boschini foi reeleita presidente da Câmara Brasileira do Livro, com 77% dos votos, nas eleições realizadas no dia 18 de fevereiro na sede da entidade. Ela dirigirá a CBL até fevereiro de 2011.

A chapa "Trabalho & Seriedade" obteve 185 votos dos associados, contra 52 da "Mudança & Participação", que foi liderada por Armando Antongini Filho.

Este será o segundo mandato de Rosely Boschini - a primeira mulher a assumir a presidência da Câmara Brasileira do Livro nos seus 62 anos de história.

Esperamos que a nova diretoria tenha uma profícua gestão e que consiga abrir novos horizontes para o mercado editorial.

Aproveitamos o espaço para parabenizar o nosso colaborador Angelo Caio Mendes Correa Júnior que abriu a Livraria Folha de Rosto, Rua da Consolação, 331 - loja 33, em São Paulo. Tel.: (11) 3445-6011. Ângelo dirige a livraria com Itamar Santos.

O novo espaço, aconchegante e muito bem organizado, também abrigará autógrafos e lançamentos de livros.

O primeiro evento, promovido na Livraria Folha de Rosto, acontecerá no dia 20 de março, a partir das 18:30 horas, com apoio do jornal *Linguagem Viva* e da União Brasileira de Escritores.

## Cupom de Assinatura

Assinatura Anual: R\$ 48,00

Assinatura Semestral: R\$ 24,00



Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_

Estado: \_\_\_\_\_ Tel.: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Envie cheque nominal ou vale postal à Rua Herval, 902  
São Paulo - SP - 03062-000 - Telefax: (11) 2693-0392  
E-mail: [linguagemviva@linguagemviva.com.br](mailto:linguagemviva@linguagemviva.com.br)

### LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - Site: [www.linguagemviva.com.br](http://www.linguagemviva.com.br)

Editores: Adriano Nogueira (1928-2004) e Rosani Abou Adal (MTB: 18194)

Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

E-mail: [linguagemviva@linguagemviva.com.br](mailto:linguagemviva@linguagemviva.com.br)

Publicidade: Rosani Abou Adal - Telefax: (11) 2693-0392

CGC: 61.831.012/0001-52 - CCM: 96954744 - I.E.: 113.273.517.110

Distribuição: Encarte no jornal *A Tribuna Piracicabana*, distribuído em livrarias, faculdades, professores, escolas, escritores, entidades, assinantes, espaços culturais e bibliotecas.

Impresso nas oficinas de *A Tribuna Piracicabana*  
R Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Ilustrações, caricatura e logo do jornal de Xavier - [www.xavi.com.br](http://www.xavi.com.br)  
Os artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.  
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade dos clientes.

## Brizola em Nova York

Rodolfo Konder

O inverno agoniza, mas ainda nos agride com seu hálito de gelo. Estamos parados na esquina da Rua 46 com a Quinta Avenida. As pessoas passam, apressadas e encapotadas. Apenas nós três continuamos parados, conversando, num velho hábito de gente de clima tropical. Esfregamos as mãos enluvadas, a respiração se transforma em nuvem de vapor, encolhemos os pescoços sob a gola erguida dos sobretudos.

Brizola, sólido como um campo-nês do sul, parece resistir melhor ao frio. Henfil, mais frágil, protege-se atrás de um poste. Ele e eu ouvimos as histórias do ex-governador gaúcho, que nos conta detalhes curiosos da resistência que comandou, em 1961, quando alguns políticos, com apoio militar, queriam impedir a posse de João Goulart na Presidência da República. Depois, Brizola relembra os momentos que precederam sua expulsão do Uruguai, anos mais tarde. "Fui advertido por amigos do governo uruguaio de que minha vida corria perigo, naqueles dias". Henfil faz perguntas, cobra detalhes.

Aquele homem vigoroso, fala incisiva, sobrancelhas espessas, olhar firme, usa um chapéu quase ridículo e veste um sobretudo surrado. Ele me devolve as emoções de diversos debates, assembleias tumultuadas, madrugada de ansiedade, fugas e esconderijos, senhas e golpes. Vivo um reencontro com parte da minha própria história, naquela esquina de Nova York. Brizola é a redescoberta do passado. Henfil, olhar inquieto, linguagem nova, prenuncia o retorno ao Brasil.

Durante meses, freqüentei o apartamento que D. Neuza e Brizola ocupavam no oitavo andar do Hotel Roosevelt. Ela preparava o chá, sempre gentil e discreta. Ela contava casos e relembrava. Um dia, comentou: "Amanhã, a Yvete vem me ver. Aparece". Apareci.

Brizola recebeu Yvete Vargas com muita frieza e total desconfiança. "Ela veio cumprir missão do general Golbery", comentou. Saímos do Roosevelt para jantar num restau-

te brasileiro da Rua 46 - Brizola, Doutel de Andrade, Antônio Pimenta Neves, a jornalista Judith Patarra (então correspondente de *Veja*), Yvete, sua mãe, seu marido e eu. No caminho, Yvete me perguntou: "Você conhece bem o Vladimir Herzog?" "Muito bem", respondi. "Acha possível que ele fosse espião da Inglaterra?" "Absolutamente impossível", retruquei irritado, "em primeiro lugar porque o Vlado era uma pessoa íntegra, um homem de caráter que jamais se prestaria a esse papel. Em segundo, porque duvido que interesse à Inglaterra manter espiões no Brasil." Ela insistiu: "estou perguntando isso porque consultei o Paulo Egydio Martins, e ele me confirmou que o Vladimir era funcionário do governo inglês..." "Yvete", interrompi indignado, "o Vlado trabalhou na BBC, como funcionário do governo inglês, mas isso não o torna espião da Inglaterra. Trabalhei dois anos para a Rádio Canadá Internacional, o que não faz de mim um espião canadense."

Horas depois, de volta ao Hotel Roosevelt, sentamos em torno de uma mesa, no bar, para tomar um chocolate quente. Brizola já havia despachado Yvete e família, com aspereza e sem subterfúgios. Comentamos a tentativa de agressão à memória de Vlado. "Ela havia me dito as mesmas coisas", observou Brizola, "creio que isso faz parte da missão que veio cumprir no exterior."

Lá fora, uma chuva torrencial caía sobre a cidade. Cobria as Twin Towers, o Village, o Soho, a Broadway. Descia verticalmente sobre o Central Park. Tomávamos chocolate, em silêncio absoluto. A mesma chuva que inundava Nova York lavava nossas memórias e molhava nosso passado. Brizola, Doutel e Henfil já se foram para o lado de lá do tempo, a realidade política mudou completamente, Yvete e a família também não estão aqui, mas ainda posso sentir a melancolia daqueles momentos, quando ouvíamos somente "o som das espadas às espadas se opondo" (Ezra Pound).

Rodolfo Konder é escritor e  
Diretor Cultural da FMU.

### LINGUAGEM VIVA

[www.linguagemviva.com.br](http://www.linguagemviva.com.br)

Consulte Nossa Tabela de Preços

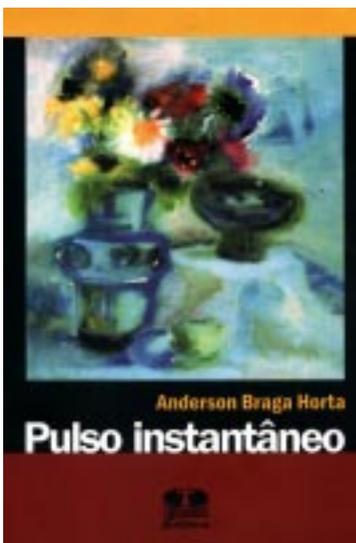
[Linguagemviva@linguagemviva.com.br](mailto:Linguagemviva@linguagemviva.com.br)

Tel.: (11) 2693-0392 - 7358-6255

## PULSO INSTANTÂNEO

**Francisco Carvalho**

A poesia, o conto, o ensaio, a crítica, as traduções: Anderson Braga Horta destaca-se em todas essas iniciativas. Publicou vários livros de poemas, aclamados pelos melhores críticos do país, o mesmo acontecendo no tocante às demais atividades literárias, inclusive as traduções de escritores da estatura de Victor Hugo e de outras celebridades de sua admiração. Escritor em tempo integral, ABH é desses autores para os quais a literatura é seu modo de ser e de comunicar-se com o mundo. Seus livros, independentemente do gênero, despertam as atenções dos leitores mais exigentes. O livro que vem de publicar



**(Pulso Instantâneo**. Thesaurus Editora, 142 p., Brasília) é composto de vinte e uma narrativas, todas elas voltadas para a análise dos inúmeros conflitos a que está sujeita a natureza humana, em sua curta vida sobre a terra.

O contista nos revela, de vez em quando, suas intuições poéticas em construções como estas: "Ouço o canto áureo de um pássaro. É como se um canário desfizesse em hinos o seu novelo de lã dourada" (p. 16). "O som de muitas respirações espalha-se pela sala e morre lentamente"... (p. 35). "Espectro, corta a madrugada de névoa e se dirige para casa" (p. 98). Inúmeros momentos de atmosfera poética conferem densidade e ritmo à linguagem dos contos. O poeta escreve as narrativas com plena consciência de que a ficção no conto é instrumento para a gestação do poema. A linguagem do conto moderno é matéria essencial para as modalidades rítmicas que se entrelaçam nas entranhas do poema. Os grandes livros de Thomas Mann, por exemplo, nos presenteariam com admiráveis lições de sabedoria poética. Bastaria lembrar o inesquecível Morte em Veneza: a história de um intelectual idoso que se apaixona por um jovem de grande beleza física que freqüentava uma praia durante período de férias com outros membros de sua família. Os grandes livros universais, a come-

çar pela *Bíblia*, estão repletos de textos poéticos. Todo mundo sabe disso. É o caso de **Pulso Instantâneo**, onde o autor exercita admiravelmente seu talento poético para enriquecer os conteúdos ficcionais do seu livro. Ficção e poesia têm encontro marcado na grande literatura de todos os tempos. Octavio Paz, em vários ensaios, nos revela que a poesia é uma forma exemplar de familiarizar-se com os impulsos eróticos que germinam no contexto da sexualidade humana. O poeta é aquele que faz versos nas entrelinhas da prosa dos contos e dos romances, convencido de que isso é uma razão a mais para seduzir leitores de todas as idades.

Mesmo quando escreve contos, seus sentidos não se afastam da cosmogonia do verso entranhado na estrutura das palavras. Pablo Neruda, grande poeta das Américas, dirige-se ao mar com estas palavras impregnadas de húmus poético: "Dai-me as ondas / que sacodem / o corpo cristalino / de minha pátria" (Livro das Odes. Tradução de Thiago de Mello). Em **Pulso Instantâneo**, onde poesia e ficção se entrelaçam de forma cristalina, a realidade mais crua de repente se converte em poema. O ser humano, dotado de idéias e convicções científicas, faz uso da literatura para descer às entranhas do corpo e da alma. Confessa a fragilidade de seus limites, sabe que é contemporâneo da morte, mas é seduzido pela serpente do amor, numa de suas visitas ao paraíso do primeiro homem. O livro de ABH explora esses aspectos da existência humana e deixa claro que a vida é uma escola onde não se aprende a morrer. No final do livro, numa prosa de requintada expressão formal, certo personagem "Despertou nas trevas, emparedado. Apalpou as paredes, rocha. Preso no coração da pedra, em vão perscruta o peso da matéria, a espessura da treva" (p. 31). Nesse diapasão, o conto chega ao fim, numa demonstração cabal de que o bom poeta será sempre um ficcionista de olhar voltado "para cima – através da rocha".

**Francisco Carvalho é escritor e crítico literário.**

## Poemetos

**Rosani Abou Adal**

Um amor  
distante da alma  
e do corpo

O céu sem estrelas  
nublado de tristezas

Um sushi feito  
de sangue  
e de medo

O homem  
de bolsos vazios  
nada na alma

A câmara de gás  
o animal pressente  
a morte entre as veias

Os cofres vazios  
de um governo corrupto

*Do livro **Fragmentos da Solidão**  
a sair nos próximos meses.*

**Rosani Abou Adal é escritora, jornalista e vice-presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo.**

## Herói

*(Ao velejador Abel H. Aguilar)*

**Lea v. Hrabovsky**

Lágrimas unidas à chuva  
Choram um varão  
Parte do sol  
Morada sua  
Arrancado de nós  
Por assassinos

**Lea v. Hrabovsky é poeta e artista plástica.**

## BICICLETA

**Raquel Naveira**

Quem ganha uma bicicleta  
Monta no inconsciente  
E marcha para frente,  
Vai adiante  
Com o próprio esforço,  
Sentindo os músculos,  
O suor,  
O vento,  
Evoluindo  
Como uma seta.

Quem ganha uma bicicleta  
Equilibra-se,  
Torna-se cavaleiro,  
Conta consigo mesmo  
Para alcançar a meta.

Quem ganha uma bicicleta  
Assume independência,  
Vai aonde quer:  
Desce aos vales,  
Sobe às montanhas,  
'As vezes em curvas,  
'As vezes em linha reta.

Quem ganha uma bicicleta  
Assume sua personalidade,  
É tanta a liberdade  
Que já pode ser poeta.

Quem ganha uma bicicleta  
Esquece a inércia,  
O medo,  
O infantilismo,  
A pessoa se reinventa,  
Adulta.

Quem ganha uma bicicleta  
Sai pelo mundo,  
Sob o sol,  
Sob a chuva,  
A alma em festa...

**Raquel Naveira é escritora, poeta, professora universitária e crítica literária.**

**LIVRARIA BRANDÃO** 

**Comram-se bibliotecas e lotes de livros usados.**

**Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.**

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos)  
Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l  
oldbook@terra.com.br - www.lbusedbookshop.com.br

# Arquitetura de Idéias e Emoções

José Geraldo Pires de Mello

Tenho comigo, há mais de um ano, a *Arquitetura do Homem*, de João Carlos Taveira, de que aqui me ocupo. De cinco partes se compõe o livro: 1) — Da eterna construção; 2) — Da inútil arquitetura; 3) — Das imprecisões; 4) — De novo a música e as incertezas; 5) — De sonetos e haicais. O título do livro foi tirado do primeiro poema da primeira parte, que é homônima do poema seguinte. Do confronto dos nomes das duas primeiras partes, poder-se-ia deduzir-se uma contradição: — Como admitir a eterna construção, se é inútil a arquitetura? Mas trata-se de uma oposição aparente, como assinalado por Anderson Braga Horta, na primeira orelha do livro, mas — pelo sentido que tem — não me furto ao empenho de deixar aqui uma segunda referência. E a fragilidade da comparação não se sustenta: — como opor a assertiva: “A vida é sonho / que a dor inventa: / do teu orgulho / nasce a beleza, // a força bruta / de mil cavalos / com que refletes / a tua imagem.” (“Arquitetura do homem” — IV, [pg. 23]), a esta outra?: “Mas amar sobretudo / a precisão do verbo: / pedra fundamental / de tua criação.” (“Profissão de fé”, [pg. 41]), se ambas são fiéis registros da construção levada a capricho? As transcrições acima atestam a preocupação do Autor com a parte formal, ou significativa de seus textos, mas isto não é só. As estrofes transcritas dão conta da preocupação com a linguagem, ou significado dos poemas. Poderíamos multiplicar estes exemplos, o que não será feito, por motivos evidentes.

O autor tem sólidos vínculos com o lirismo, sem exageros sentimentais, e larga afinidade com a música, o que está presente nos títulos de vários poemas, como, por exemplo, “Cantata para baixo profundo”, “Toada gregoriana”, “Toccata”, “Berceuse”, e outros. A relação da poesia com a música vem expressa na primeira estrofe de “Toccata”, composto em quadras de tetrassílabos, com rima consoante nos versos pares, o que não acontece na primeira estrofe, onde a rima é toante: “Constróis a vida / dentro da música / em ritmo tenso / de arquitetura.” [pg. 79] Um segundo exemplo pode ser colhido na primeira estrofe de “Profissão de fé”, poema em quadras de hexassílabos sem rima: “Amar o metro e a música / na construção do verso, / e a música do verso / na palavra incendiada.” [pg. 41]

Entre os metros usados no livro, o destaque fica com os curtos de quatro, seis e sete sílabas, que, em “Autoconhecimento” aparecem associados a dissílabos, trissílabos e octossílabos, o que caracteriza o poema como heterométrico, sendo também heterostrófico, porque as estrofes são compostas por número desigual de versos. Os versos longos — de mais de oito sílabas, são relativamente escassos e predominam nos sonetos da quinta parte. A temática dos poemas se baseia na sobriedade, e se constrói em torno da dúvida, do arrependimento, do anseio amoroso, da incerteza, da convicção, da morte, da saudade, do cotidiano, da aspiração, do misticismo, e de muito mais.

A estrutura do texto está em dia com a da maioria dos bons poetas de nossa época, é altamente sugestiva, e veículo de linguagem figurada de alto padrão. O cavalgamento — artifício que permite que o sentido de um verso se complete no seguinte — é muito freqüente no livro, e pode ser exemplificado no início do belo poema “Navio Fantasma”, duas vezes na primeira estrofe, na passagem desta para a segunda, e, nesta mesma, mais uma vez: — “*Brusca, a barca trafega / nas trevas da existência. / Sem trégua, o timoneiro / avança. E, na dormência // de músculos e artérias, / atinge o magma, o centro / do abismo de existir*”, [pg. 31]. No mesmo fragmento, registro também a sugestiva metáfora — comparação sugerida — em “nas trevas da existência” — o meio ambiente onde a barca trafega. — [pg. 31]. A mesma figura está presente em “o centro do abismo de existir”, como expressão dos conflitos interiores do timoneiro. [pg. 31]. No primeiro verso da terceira estrofe, ocorre a elipse da flexão do verbo *ter*. — “[Tendo] as velas retorcidas”, [pg. 31].

Deixo aqui uma referência ao poema “O argonauta”, cuja última estrofe é merecedora de especial referência: “*Ó marinheiro sem mar / em que mágoas, em que charco, / erguerás o sonho-porto / rente à proa do teu barco?*” Vale aqui o registro de que no fragmento — pleno de sugestividade, — podem ser colhidas quatro magníficas metáforas: o “*marinheiro sem mar*” é o argonauta; “*mágoas*” e “*charco*” são lugares idealizados; “*sonho-porto*” é o hipotético fim da jornada; e “*barco*” é o imaginário meio de transporte do argonauta do sonho! [pg. 34].

“A máquina” é um saudoso registro de volta à infância e mostra, na

primeira estrofe, a oposição entre o subjetivo (*a voz de Beethoven*) e o material (*a máquina de lavar*, uma curiosa metáfora dos tempos de infância do eu lírico). Depois de lembranças “mortas”, — “*A máquina voltou / a rodar. Está girando / nas cordas da meninice / novos piões, precipícios.*” A saudade se deixa levar pelo rumo das velhas lembranças — as assombrações, os morcegos, a mãe, os brinquedos, os papagaios de papel, o medo do rio — fundo e traiçoeiro —, a caça aos passarinhos, o erotismo nascente. [pg.38]

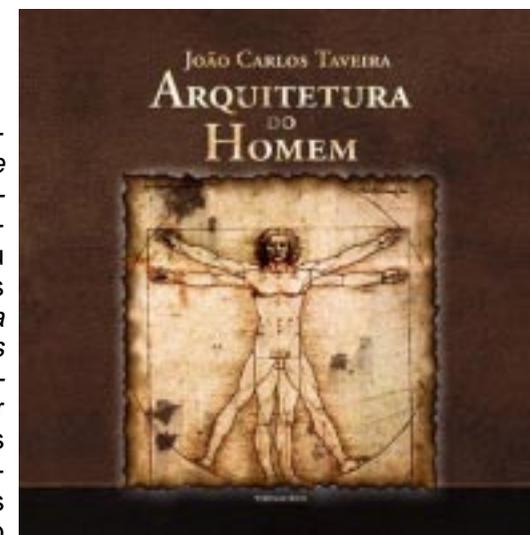
Depois — e agora é o homem quem fala: “*A máquina do tempo / parou. Toca o telefone / e a casa, feito um navio, / se afasta pro alto-mar.*” O cavalgamento liga os dois primeiros versos; a metáfora está presente em *máquina do tempo* (o período da infância); *telefone* (a modernidade que o menino não conheceu); *navio* é um símile — comparação explícita — (a casa, levada a novos rumos); e a metáfora está de volta em *alto-mar* (a incerteza dos novos tempos). [pg.38]

Todos os desvios citados dizem respeito à primeira parte, e prosseguir nessa seara seria um gesto de prolixidade.

O poema “Teresa” remete o leitor a “O ‘Adeus’ de Teresa”, de Castro Alves.

Num livro em que a qualidade dos poemas está numa média muito alta, não é fácil apontar destaques, mas tentar é uma atitude desculpável. Cito, então: “Arquitetura do homem”, “Da eterna construção”, “Navio fantasma”, “Autoconhecimento”, “Profissão de fé”, “Proclamação da rosa”, “Teorema”, “Berceuse”, “Arietta a Cappella”.

Composta de sonetos e haicais é a quinta e última parte, onde está ponto alto da temática de inspiração feminina. Os sonetos são



decassilábicos, à exceção do “Soneto de arrependimento”, em eneassílabos bimembres, técnica que o fecho não acompanha. Há um em versos brancos [pg. 97], e um que traz uma rima toante na primeira estrofe. [pg. 107] Entre vários trechos dignos de menção, dou aqui a estrofe de abertura do “Soneto do amor ardente”, de sentido altamente subjetivo, norma que o último verso não acompanha: “*Eu vejo o mar no teu olhar de seda / e me recolho, mudo, ao meu ofício / de fazedor de sonhos com palavras / que o mundo novo já não quer nem vê.*” [pg.97] e o terceto final do “Soneto de Sedução”, mergulhado na dúvida: “*O amor, amiga, é fogo crepitando / no peito dos amantes, onde impera / antes do gozo, a dor... mas até quando?*” [pg. 99]. Pela alta significação literária — além dos dois acima citados — dou destaque a “Soneto de desencanto”, “Soneto de aspiração” e “Soneto de Arrependimento”.

Os haicais obedecem à disposição métrica 5-7-5, sem rima, com preponderância temática da inspiração feminina. Pela fina sensibilidade, dou destaque ao III,: — “*Uma borboleta / pousa no que é breve e belo: / Meus olhos têm asas.*” [pg.110].

José Geraldo Pires de Mello,  
poeta, contista, cronista e ensaísta,  
é presidente da Academia de  
Letras do Brasil.

**Especializada em importação  
direta de livros portugueses.**

Prazo de entrega:  
15 dias.

**Livros de todas as áreas de editoras portuguesas, Cds, artesanato e galeria de arte.**

**Desconto de 10% para advogados, juristas, professores e estudantes.**

**Galeria Louvre, loja 20 - Av São Luís, 192 Centro - São Paulo -SP**  
**E-mail: coimbramartins@uol.com.br**  
**Tel.: (11) 3120-5820 – Telefax: 3258-9105**

## APONTAMENTOS (II)

### Fábio Lucas

#### Refúgio do pensamento

A melhor ficção contemporânea, sem esgotar a intenção reformista e a crítica social, refugia-se num modelo híbrido de ensaio e de imaginação criadora. Tem-se novo tipo de metalinguagem que vai além da "arte poética" ou da mera forma reflexiva sobre o veículo da enunciação.

O autor de nossos dias usa do formato romanesco para modelar trechos de autobiografia, de cosmogonia, de meditações gnosiológicas ou, simplesmente, sobre o ser e sua natureza, oriundos do fazer, ou melhor, da escrita propriamente dita. Da escrita que se quer leitura, reconhecimento, aplauso. Dos romances-ensaios da última produção brasileira, destaque *História natural da ditadura* (S. Paulo: Iluminuras, 2006) de Teixeira Coelho.

#### 5. A poesia da natureza

O enfoque urbano tem saturado as composições líricas. A nostalgia das origens vem povoando o trabalho dos poetas. Expande-se, entre nós, a influência dos *haikais* e de outras formas curtas, de medida rigorosa e de extrema contensão vocabular, no caminho oposto da tradição barroca, de cunho transbordante no reino das emoções e das palavras.

Renasce o interesse neo-romântico pela natureza. Voltam as celebrações dos seres animais, vivos ou imaginados; seus exemplos e virtudes. Todo um bestiário povoa a nova criação literária, como se renascesse a Idade Média. Lembro-me de que o primeiro volume da obra de Julio Cortázar que ingressou na minha biblioteca foi *Bestiário* (Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1967, 6ª ed.), regalo afetuoso de um colega da Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG.

Tenho em meu poder notável estudo de Alfredo Leme Coelho de Carvalho, *O Simbolismo Animal na obra do Padre Manuel Bernardes* (Curitiba: HD Livros Editora, 1995). Que riqueza de indicações sobre os símbolos, negativos e positivos, dos animais na consciência dos povos.

O conhecido ficcionista Nicodemos Sena passou-me a obra *Anima animalis - a voz de bichos brasileiros* (Taubaté: Letra Selva, 2008), coletânea de nove *haikais* e um poema longo, intermediados por gravuras de Marcelo Frazão, todos com versões para o espanhol, finlandês, francês, inglês e italiano.

Nicodemos Sena, por sua vez, produziu *A Mulher, o Homem e o Cão* (Taubaté: Letra Selva, 2009), mitos e ficções em constante metamorfose, quando seres humanos, animais e natureza interagem.

De modo mais irônico e devastador, com elevado senso crítico, o poeta, escultor e desenhista Luiz F. Papi editou o seu *Orbestiário* (Rio: 2008), precedido de inteligente, arguto e erudito prefácio intitulado "Bestiário e Fabulário na biodiversidade à deriva". Informa sobre a existência da *Enciclopédia da Vida*, projeto para 2017, que cuidará de cerca de quase dois milhões de espécies animais e vegetais que vivem no planeta. Segundo suas palavras: "Vale observar, a propósito, que o ambientalista de hoje, ao empreender qualquer censo zoológico, desempenha tarefa oposta à dos compiladores medievais. E isso porque, em vez do enriquecimento progressivo do acervo animal, ele o empobrece gradualmente por força do corte compulsório das espécies que vão desaparecendo. A cada hora, segundo recente levantamento, o golpe vibrado pela atividade humana ceifa três espécies animais ou vegetais. Anualmente, desaparecem entre 18 mil e 55 mil espécies, advertiu a Convenção pela Biodiversidade da ONU. A devastação é considerada a mais trágica desde a extinção maciça dos dinossauros, há 65 milhões de anos."

Enfim, pensa Luiz Papi que a ficção abrange a escala animal, desde tempos imemoriais, como metáfora do homem. O seu *Orbestiário*, divertido e variado, se diz um "neobestiário", sem descartar a herança medieval, a mais referida. Que não conheceu o microscópio, evocado no primeiro poema: "O olho microbiano/ ao abarcar cem trilhões/ de bactérias no humano/ ser navega dimensões/ ao espaço e tempo afins/ onde cabem tantos germens/ quanto focas e pingüins/ camelos e paquidermes/ animais de presa ou guelra/ seja o habitat a terra/ mar ou o céu da passarada/ enfim toda a fauna vária/ do planeta a ser cantada/ na viola orbestiária."

Fábio Lucas é escritor, crítico literário e membro da Academia Paulista de Letras.



Divulgação

## O ENCONTRO

### Caio Porfírio Carneiro

Olhando pela janela, o carro na disparada, vi a casa dela. Um pouco distante da estrada, austera, mais envelhecida. O gradeado, que a cercava, enferrujado. Um pequeno convento, sozinho no descampado, árvores esparsas.

- Pare. Pare.

O motorista parou.

- Vá voltando. Até em frente daquela casa. Isso.

O carro ali ficou parado e eu olhando, olhando.

- Espere um pouco.

Desci, caminhei pela vereda estreita, parei diante do gradeado enferrujado.

Tentei abri-lo. Não consegui. Bati palmas. Pus as mãos em concha na boca e gritei. Um homem, apoiando-se numa bengala, veio vindo.

- Mora alguém nessa casa?

- Mora.

O vulto feminino apareceu na janela meio aberta, olhou, olhou, e veio calmamente. O homem se foi manquitolando e ela ficou ali parada,

segurando o velho gradil. Olhei-a nos olhos. Olhou-me nos olhos. Moveu os lábios, dentes falhos:

- Você.

Eu não tirava os olhos dela:

- É.

As mãos dela e as minhas aproximaram-se e não se tocaram. Olhamo-nos demoradamente, uma eternidade. Olhos nos olhos. Os dentes falhos dela voltaram a surgir:

- Você.

- É.

Minhas mãos soltaram a velha grade, as dela também. Ela voltou-se e caminhou lentamente em direção à casa e eu em direção ao carro. Vi-a entrar e fechar a porta e a banda da janela.

Na paisagem ficaram apenas a casa silenciosa no descampado e as árvores dispersas.

Acomodei-me no carro. Suspirei:

- Vamos.

Do livro de contos *O Copo Azul*, a sair nos próximos meses.

Caio Porfírio Carneiro é escritor, crítico literário, jornalista e historiador.

## Vestibular & Concursos

### Sonia Adal da Costa

#### Emprego do hífen

1- Se o 1º elemento terminar por vogal igual daquela que inicia o 2º elemento, escreve-se com hífen anti-ibérico.

Ex.: Micro-ondas

Semi-interno

Micro-ônibus

2- Se o 1º elemento terminar por vogal ou consoante diferente daquela que inicia o 2º elemento não haverá hífen.

Antiaéreo

Agroindustrial  
Supermillionário  
Hipermercado  
3- Emprega-

se o hífen nos compostos quando o 1º elemento for representado pela forma mal e o 2º elemento começar por vogal, H ou L, usa-se hífen.

Ex.: Mal-estar

Mal-humorado

4- Não se emprega o hífen com os prefixos DES e IN quando o 2º elemento perde o H inicial.

Ex.: desumano

Inábil



Sonia Adal da Costa, professora de cursos preparatórios para concursos públicos e vestibular, formada pela Universidade de São Paulo, é pós-graduada em *Teatro Infanto-Juvenil* pela Universidade de São Paulo. [portsonia@ig.com.br](mailto:portsonia@ig.com.br)

## Indicador Profissional



### Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - cjs. 62/64

São Paulo - SP - 01318-903 - Tel.: (11) 3107-7589

# Aricy Curvello destina nova remessa de livros à BNB

*Poeta doa a Brasília acervo que levou uma vida para reunir e preservar*

O poeta, ensaísta, tradutor e colecionador Aricy Curvello, que já enviou à Biblioteca Nacional de Brasília dez grandes remessas de livros, contendo mais de cinco mil volumes de sua coleção particular, prepara a 11ª com mais 200 títulos do acervo que, segundo ele próprio ressalta, levou “uma vida para reunir e preservar”.

Entre as preciosidades doadas está a coleção de impressos da Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1821), mas também a da História da Imprensa, do Jornal, da Revista e do Livro no Brasil, além de coleções específicas sobre Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, o Aleijadinho e Cândido Portinari.

Curvello atribui menos a preciosismo do que à sua busca de conhecimento a meticulosa organização de seu acervo em coleções específicas, que permitirão à BNB começar a preparar as suas próprias Coleções Especiais. “Minha formação não foi baseada no individualismo nem na Lei de Gerson (levar vantagem em tudo)”, diz o poeta nesta entrevista ao portal da BNB, referindo-se ao seu gesto de desprendimento em favor da Biblioteca de Brasília.

Nascido nas Minas Gerais, e apesar de filho de oficial do Exército, o poeta sofreu perseguições e prisões durante a ditadura militar, por apoiar movimentos de reformas sociais. Viveu no Rio, na Amazônia e na Europa, antes de se instalar no Espírito Santo. Considerado um dos poetas mais importantes de sua geração por críticos de peso, como Fábio Lucas e Assis Brasil, Aricy Curvello publicou mais de uma dezena de livros de verso e prosa, sem contar as participações em várias antologias nacionais e estrangeiras. Tem poemas traduzidos e publicados em espanhol, francês, inglês, italiano e sueco.

Veja o que ele diz sobre suas doações à BNB.

BNB - Duas bibliotecas (haveria outras?) receberam livros de sua coleção particular – a da Universidade Federal de Uberlândia e a Biblioteca Nacional de Brasília. A primeira, certamente pela ligação afetiva com a cidade, que é sua terra natal, mas e a recém-criada biblioteca brasiliense, por que a honra de doação tão generosa?

AC - As duas bibliotecas mencionadas receberam a maior parte absoluta de meu acervo (outras, apenas obras específicas). A brasiliense é uma Biblioteca Nacional. Por definição, poderá tornar-se uma das instituições-guardiãs da memória de nosso país. Recém-criada, necessita e merece apoio de toda ordem. Está situada na capital federal

do país, onde estão uma imensa população estudantil e todo o corpo diplomático estrangeiro credenciado junto ao nosso governo. E isto no centro geográfico das imensidões do Brasil. Uma grande gama de razões, portanto, levou-me a destinar à BNB o acervo mais precioso que levei uma vida para reunir e preservar.

BNB - Certamente é um gesto de grande desprendimento para um escritor-colecionador abrir mão de tantos títulos, entre eles, raridades. O que leva tal personagem ainda jovem, como é o seu caso, a uma decisão dessas?

AC - Tudo tem que ser feito enquanto a pessoa está a caminho, ou seja, em vida. E já não sou tão jovem... Para que a transferência do acervo se faça em boa ordem e da melhor forma possível, é preferível que eu a faça agora. Meus livros estão organizados em coleções específicas, que poderão auxiliar a Biblioteca a iniciar a formação de suas Coleções Especiais. Também conta o fato de ser um poeta, um escritor, um intelectual, o professor Antônio Miranda, meu amigo, uma pessoa em quem confio, o primeiro diretor da Biblioteca Nacional de Brasília.

BNB - Que títulos aponta como os mais valiosos dentre os que doou à BNB?

AC - Sem dúvida, a coleção de impressos da Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1821) e as obras raras dos séculos 18/19 e 20. Também, as coleções específicas sobre Guimarães Rosa, Drummond, o Aleijadinho, Portinari. E, como não poderia deixar de ser, a da História da Imprensa, do Jornal, da Revista e do Livro no Brasil, que é de fundamental importância, não só pelas raridades que reuniu.

BNB - Os bibliotecários contam do seu preciosismo em organizar todos os volumes rigorosamente, facilitando enormemente o trabalho da catalogação. Perfeccionismo é um traço da sua personalidade?

AC - Tive a imensa felicidade de nascer em uma família em que há bons leitores. Minha avó materna (Nicolina Ottoni) chegou a reunir uma coleção quase completa da revista *O Malho*, dos anos 20 e 30 do século vinte. O primeiro livro de poemas que me caiu nas mãos, um de Bilac, era de minha mãe. Meu pai, oficial do Exército, deu-me várias obras dele da Bibliex (Biblioteca do Exército), depois de me haver dado a coleção completa da obra infanto-juvenil de Monteiro Lobato, várias de Júlio Verne, H.G. Wells e tantos outros. Só mais tarde pude aquilatar a imensa fortuna que tive em nas-

cer em uma família assim, quando na maior parte do Brasil ocorria e ainda ocorre o absurdo antipedagógico de escolas de primeiro e segundo graus sem bibliotecas. E o hábito da leitura deve ser formado desde a primeira infância, como um hábito de prazer e de busca de conhecimento. E essa busca de conhecimento levou-me, não foi por preciosismo, a mais tarde organizar por coleções específicas a minha biblioteca.

BNB - Outra questão considerada surpreendente pelos técnicos é quanto ao envio dos livros, em pacotes por Sedex, o que lhe deve ter sido bastante dispendioso.

AC - Para padronizar o trabalho da remessa dos livros à BNB, a melhor solução foi adquirir dos próprios Correios as caixas padronizadas de papelão reforçado. Têm as mesmas cores do envelope Sedex, o que originou o engano de vocês. Fiz as remessas pelo sistema “encomenda sob registro”, cujas tarifas são muito mais suportáveis do que o caro Sedex, e se paga por peso (sem limite de quilos). Eu já havia adquirido esse *know-how* com a remessa das doações à Biblioteca Central da Universidade Federal de Uberlândia. Minha formação não foi baseada no individualismo nem na Lei de Gerson (levar vantagem em tudo). Desde cedo educaram-me no sentido do civismo (respeito e amor a nosso país e à nossa gente) e no sentido cristão de respeitar o outro. Ensinaaram-me que, além de direitos, tenho uma série de obrigações, inclusive sociais. E isto, num país de imensas carências na área da educação e da cultura, creio que explica meu gesto que não é surpreendente. Julgo também que o melhor discurso é o exemplo. Que ele sirva para inspirar outras pessoas, bibliófilos ou não, escritores e intelectuais ou não, a doar acervos para a Biblioteca Nacional de Brasília.



Aricy Curvello

BNB - Que observação especial faria a esses possíveis futuros doadores?

AC - Jamais remeti obras muito raras por meio dos Correios: seria um prejuízo irreparável, caso ocorresse roubo ou perda. Levei-as em mãos, quando de minha viagem a Brasília por ocasião da I Bienal Internacional de Poesia de Brasília. As que ainda estão comigo serão levadas pessoalmente em uma próxima viagem ainda sem data e sem previsão.

Conheça mais sobre Aricy Curvello em: [http://www.antoniomiranda.com.br/lberoamerica/brasil/aricy\\_curvello.html](http://www.antoniomiranda.com.br/lberoamerica/brasil/aricy_curvello.html). Ainda: procure seu verbete na **Enciclopédia de Literatura Brasileira**, de Afrânio Coutinho, 2001, 2a. ed. (Rio: Biblioteca Nacional; Academia Brasileira de Letras; S. Paulo: Global Editora) ou no **Dicionário de Escritores e Escritoras do Espírito Santo** (org. pelo Prof. Francisco Aurélio Ribeiro, Vitória: Academia Espírito-santense de Escritores, 2008), entre outros.

## Biblioteca Nacional de Brasília Assessoria de Imprensa

55 61 3325.6257 Ramal 106  
[www.bnb.df.gov.br/](http://www.bnb.df.gov.br/)  
[www.bienaldepoesia.unb.br/bip.brasilia@gmail.com](http://www.bienaldepoesia.unb.br/bip.brasilia@gmail.com)

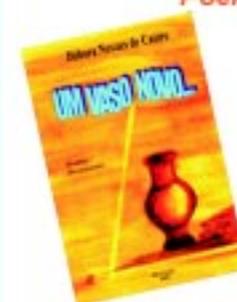
## Débora Novaes de Castro

**Poemas:** GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - CATAVENTO  
MOMENTOS - SINFONIA DO INFINITO  
COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA.

**Trovas:** DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO.

**Haicais:** SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES  
- SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS -

**Poemas Devocionais:** UM VASO NOVO...

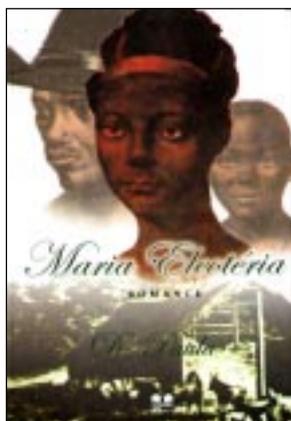


**Opções de compra:** via telefax (11) 5031-5463

**Correio:** Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo Cep 04634-040 -

**E-mail:** [debora\\_nc@uol.com.br](mailto:debora_nc@uol.com.br) e Site: [www.vipworkcultural.com.br](http://www.vipworkcultural.com.br)

## Lançamentos & Livros

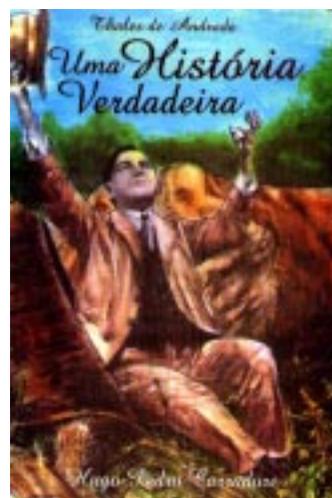
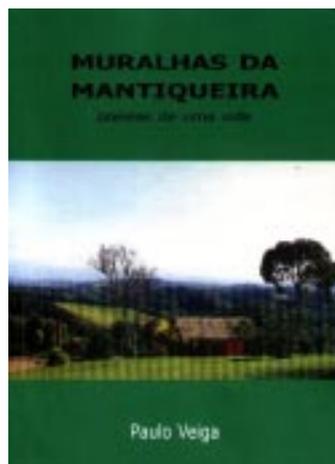


**Maria Eleotéria**, romance de Arealdo D'Paula, Thesaurus Editora, Brasília, DF, 144 páginas. O autor, escritor, poeta e membro da Academia de Letras do Nordeste de Minas Gerais, foi laureado com Moção expedida pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro e com o Troféu da Rede Globo-Sesi. A obra conta a história de um casal de negros que lutou contra tudo e contra todos para conseguir realizar e concretizar o objetivo das suas vidas.

**Thesaurus Editora:** [www.thesaurus.com.br](http://www.thesaurus.com.br)  
Tel.: (61) 3344-3738.

**Muralhas da Mantiqueira - poesias de uma vida**, de Paulo Veiga, Editora Terceira Margem, São Paulo, SP, 196 páginas. O autor é poeta, contista, escritor, advogado e pós-graduado em Ciências Políticas. Paulo Veiga foi laureado com a *Comenda Pero Vaz de Caminha* do Instituto Histórico e Cultural Pero Vaz de Caminha. *Muralhas da Mantiqueira - poesias de uma vida*, segunda edição da obra de estréia do autor, reúne poemas e sonetos lapidados de um ritmo cadenciado e de uma rica linguagem poética.

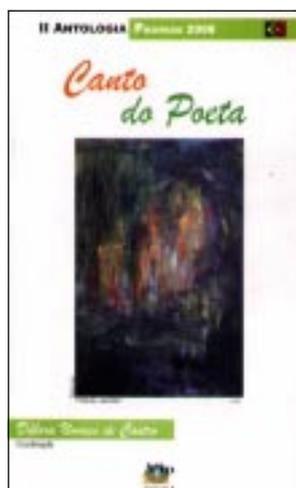
**Editora Terceira Margem:** (11) 5081-4085  
[terceiramargemeditora@ig.com.br](mailto:terceiramargemeditora@ig.com.br)



**Thales de Andrade - Uma História Verdadeira**, de Hugo Pedro Carradore, Editora Degaspari, Piracicaba, SP, 144 páginas. O autor é poeta, contista, folclorista, teatrólogo, historiador advogado e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, da Academia Paulistana de História, entre outras entidades. O livro é um bibliográfico da obra do autor de *Saudades*. Segundo Adriano Nogueira, o livro é um documentário importante que sintetiza a vida e a obra de Thales Castanho de Andrade, notável educador, pioneiro e expoente da literatura infanto-juvenil brasileira.

**Gráfica Editora Degaspari:** (19) 3433-6748 -  
[www.graficadegaspari.com.br](http://www.graficadegaspari.com.br)

**II Antologia Canto do Poeta**, organizada por Débora Novaes de Castro, Vipwork Editora, São Paulo, SP, 128 páginas. A apresentação é do Dr. Paulo Nathanael Pereira de Souza. A obra abriga poemas de 2 autores internacionais (Décio de Carvalho e Olívia de Carvalho – EUA) e 30 nacionais, de 12 cidades e 6 Estados brasileiros: Ademir Bacca, Adriano Augusto da Costa Filho, Analice Feitoza de Lima, Andréia Donadon Leal, Antônio Laffayette, Benedito Pereira da Costa, Débora Novaes de Castro, Ercy Maria Marques de Faria, Eunice Arruda, Giva Rocha, Glorinha Mourão Sandoval, J.B. Donadon-Leal, José Nogueira da Costa, Jurandir Gallinari, Maria Beatriz Sandoval Camargo, Maria do Carmo Gaspar de Oliveira, Maria José Leal, Marilza Yoshie, Mário Albanese, Neide Fontana, Rosani Abou Adal, Rossyr Berny, Silva Barreto, Walter Argento e Wilson Oliveira Jasa. Em memória: Eymard Cardoso de Barros, Guilherme José de Mattos, Jack Rubens, Dom José Pedro Araújo e Lourdes Di Tullio.



**Débora Novaes de Castro:** [debora\\_nc@uol.com.br](mailto:debora_nc@uol.com.br)

## A Trilogia de Djanira Pio

**Maria Lúcia Silveira Rangel**

**A** cabo de ler “Seu Nome Era Susana”, de Djanira Pio, que completa a trilogia de “A Cidade dos Sonhos” e “Um Canteiro de Margaridas.”

O que posso dizer? Ele simplesmente me empolgou; percorri-o com o mesmo interesse que temos ao tomar conhecimento de um conto de Poe, ou de Apollinaire ou ainda de Daphne du Maurier, porque eles contêm os ingredientes necessários para produzir um suspense, através do fantástico, do extraordinário, do policial.

Apesar do seu estilo sintético, encontramos muitos assuntos, idéias, não claramente expostos, mas insinuados, um dado na literatura personalizada de Djanira Pio. Os fatos se entremostam sem solução como a própria vida.

Sobre os personagens em “Seu Nome Era Susana”, a autora os conduz do passado para o presente.

É nele que há o primeiro diálogo entre Susana e seu sedutor, o mestre. Este, desejoso de se redimir de seu erro passado, oferece proteção a Susana, sem saber que ela está casada com Victor, um ecologista.

Susana, que trabalhou junto com o marido, sente-se desiludida ante os avanços obtidos durante anos de dedicação, pois não vê um progresso positivo em relação à proteção ao meio ambiente.

Susana, ausente no segundo volume, “Um Canteiro de Margaridas”, é mencionada por Germana, presente no terceiro volume “Seu Nome Era Susana”.

O casamento de Ivone com o mestre, vem desmanchar o mistério criado em torno desse personagem.

A menção sobre Mariana, que faz programas, mais lucrativos que outros empregos, chega a ser pungente pela desilusão da personagem frente aos valores morais.

Irene Gorda reaparece em breve diálogo; conta que ficou viúva de Orlando.

Talvez a decepção de Susana com seu trabalho a tenha levado a um novo caminho com o terceiro homem.

O terceiro homem é vago. Seria Paulo? Ele não é nomeado e o romance adquire tons escuros como um túnel.

Susana teria sido enganada em suas aspirações de felicidade?

A cunhada sonsa que se apodera de seus bens é uma figura algo sinistra, que deixa pairar sobre o romance um tom misterioso, de acordo com o dizer semi-oculto de Djanira.

O final é sucinto:

“No silêncio pacificador”, onde repousam aqueles que cumpriram a missão, na calmaria do campo santo, cravado na pedra tumular, junto a uma foto, lê-se: Seu Nome Era Susana, e os dados comuns a todos, nascimento, falecimento, saudade.

Além da trama o que pode ser apreciado em Djanira é seu estilo despojado; ela sabe descrever o que a cerca em poucas palavras, mas pertinentes: escassos adjetivos, comparações novas, enfim, um saber dizer que é propriedade sua.

Exemplos:

“Pássaros assanhados”...p.10

“O céu azul escuro pintalgado de estrelas tímidas...” p. 12

“...estrelas vigilantes.” p. 15

“...cílios longos, quase preguiçosos...” p. 19

“Susana, na época, na entressafra da vida...” p.30

“A felicidade a abraçou.” p. 32

“Cada nuvem que se move, que passeia pela estrada celeste levada pela brisa...” p.44

“...eles tinham um gosto de mágoa...” p. 65

Batalhando há anos na literatura, Djanira encontrou o “savoir faire” de um romance.

O que se espera da autora, então, é que continue dando-nos mais exemplos de seu talento como escritora para deleite intelectual de seus leitores.

**Maria Lúcia Silveira Rangel é escritora e crítica literária.**

**Prof. Sonia**

**Revisão**

**Aulas Particulares**

**Digitação**

**Tel.: (11) 2796-5716 - [portsonia@ig.com.br](mailto:portsonia@ig.com.br)**

# Notícias



Divulgação CIEE

Paulo Nathanael

**Paulo Nathanael Pereira de Souza**, educador, escritor, curador de diversas fundações e presidente do Conselho de Administração do Centro de Integração Empresa-Escola, foi eleito membro da Academia Paulista de Letras. O novo acadêmico ocupará a cadeira nº 12, que pertenceu ao ensaísta e poeta Benedito Ferri de Barros. A data da solenidade ainda não foi marcada e está prevista para o início de abril. Paulo Nathanael foi laureado com dois prêmios da Academia Brasileira de Letras: *Medalha João Ribeiro* e *Livreiro Francisco Alves* e condecorado, pelo governo francês, com a *Legião de Honra* e a *Ordem Nacional do Mérito*.

**Edgar Allan Poe**, poeta e contista americano, será homenageado nas cidades onde viveu: Boston, Richmond, Baltimore, Filadélfia e Nova York, pelos 200 anos do seu nascimento. O autor de *O Corvo* nasceu no dia 19 de janeiro de 1809.

O **Programa Arca das Letras**, do Ministério do Desenvolvimento Agrário, inaugurou 10 bibliotecas rurais, compostas por 200 livros, que foram instaladas na casa de um morador ou na sede de uma associação rural.

**Mitos Modernos na Literatura e no Cinema**, curso promovido pelo Centro Universitário Maria Antonia, ministrado por Roberto Zular, Verónica Galíndez, Jorge de Almeida e Cláudia Amigo Pino, acontecerá nos dias 11, 18, 25 de março e 1 de abril, das 15 h. às 18 h., na Rua Maria Antonia, 294, em São Paulo. Informações e inscrições através do Telefone: (11) 3255-7182 - ramais 32 e 33 ou pelo e-mail: cursosma@usp.br .

O **Instituto Ecofuturo** doou 53.785 livros para a **Fundação Biblioteca Nacional**. As obras serão encaminhadas ao Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas que as distribuirá para as bibliotecas.

A **Câmara Brasileira do Livro** inaugurou uma filial na Av. Ipiranga, 1267 - 10º andar, em São Paulo. A filial, localizada na antiga sede, abriga o Centro de Catalogação que faz a ficha catalográfica. Telefone (11) 3311-6916.

A **Fundação Dorina Nowill para Cegos** realizará diversos eventos em homenagem ao bicentenário de nascimento de Louis Braille - o criador do Sistema Braille de leitura e escrita para cegos. A Comissão Brasileira para o Bicentenário de Louis Braille será presidida por Dorina de Gouvêa Nowill. Luis Braille, natural de Coupvray, pequena aldeia de Paris, nasceu em 4 de janeiro de 1809. Ficou cego em 1812 após se acidentar na oficina do pai. Em 1837 apresentou a versão final do Sistema Braille.

**O Verão e as Mulheres**, de Rubem Braga, livro de crônicas, publicadas entre 1953 e 1955, foi relançado pela Editora Record.

O **Prêmio São Paulo de Literatura**, promovido pela Secretaria Estadual de Cultura de São Paulo, divulgou os laureados da primeira edição. Cristóvão Tezza foi o vencedor da categoria *Melhor Livro do Ano* com *Filho Eterno* e Tatiana Salem Levy, com *A Chave de Casa*, venceu na categoria *Melhor Livro - Autor Estreante*. O prêmio foi no valor de R\$ 200 mil.

**José Luiz Herencia** é o novo Secretário de Políticas Culturais do Ministério da Cultura, nomeado através da portaria publicada no *Diário Oficial da União* de 12 de fevereiro.

**Valter Kuchenbecker**, presidente da Associação Brasileira das Editoras Universitárias e do Clube dos Editores do Rio Grande do Sul, tomou posse como representante da área de Humanidades junto à Comissão Nacional de Incentivo à Cultura .

A **Palavra de Hermilo**, livro organizado por Juarez Correira e Leda Alves, e **Arraes na Boca do Povo**, organizado por Juarez Correira, serão lançados na Alpharrabio Livraria e Editora, Rua Eduardo Monteiro, 151, Santo André, quinta-feira, dia 19 de março, a partir das 18:30 horas. Em São Paulo o lançamento acontecerá na sexta-feira, dia 20 de março, a partir das 18:30 horas, na Livraria Folha de Rosto, Rua da Consolação, 331 - loja33, em São Paulo. O evento conta com o apoio da União Brasileira de Escritores e do jornal *Linguagem Viva*. **Arraes na Boca do Povo** reúne trabalhos de poetas de cordel e de poetas-repentistas que contam em versos a trajetória política, numa quase-biografia poética, de Miguel Arraes de Alencar. **A Palavra de Hermilo** reúne 19 entrevistas concedidas pelo escritor Hermilo Borba Filho a revistas e jornais brasileiros.

**Dalila Teles Veras** lançou **Retratos Falhados**, no dia 12 de fevereiro, na Livraria Martins Fontes, pela Escrituras Editora. Em Santo André o lançamento aconteceu na Livraria Alpharrabio, no dia 17.

A **Biblioteca Central da Universidade Federal de Uberlândia** abriga metade da biblioteca doada pelo escritor Aricy Curvello.

**Revisão e Preparação de Textos: Trabalhando a Nova Ortografia**, curso ministrado por Ana Cristina Mendes Perfetti, acontecerá no dia 7 de março, sábado, das 9 às 13 horas, na Escola do Escritor, Rua Mourato Coelho, 393 - conjunto 1, em São Paulo. Telefone: (11) 3034-2981.

A **Editora Globo** lançou *Mundo da Lua*, *Fábulas* e *A Chave do Tamanho*, de Monteiro.

O **Minidicionário Sacconi da Língua Portuguesa**, de Luiz Antonio Sacconi, será lançado em março pela Editora Nova Geração. O dicionário está atualizado de acordo com o Novo Acordo Ortográfico.

A **Scortecci Editora** fez parceria com a Livraria Cultura para realizar lançamentos dos seus autores na livraria e para venda on line no site [www.livrariacultura.com.br](http://www.livrariacultura.com.br)

**Rudá de Andrade**, cineasta e escritor, faleceu no dia 27 de janeiro, aos 78 anos, vítima de



uma parada cardíaca, em Bragança Paulista (SP). Rudá, filho de Patrícia Galvão e Oswald de Andrade, foi laureado com o *Prêmio Jabuti*, em 1983, na categoria Biografia e Memórias, com a obra *Cela 3 - A grade agride*.

A **Universidade de São Paulo** adquiriu um scanner robotizado para digitalizar as obras que foram doadas pelo acadêmico José Mindlin à biblioteca Brasileira USP. O acervo, que dispõe de 30 mil volumes, será disponibilizado na internet. O Projeto Brasileira USP é coordenado pelo professor István Jancsó.

**Monteiro Lobato, Livro a Livro: Obra Infantil**, obra organizada por Marisa Lajolo e João Luís Ceccantini, foi lançada pela Editora Unesp e Imprensa Oficial.

O **Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**, presidido por Nelly Martins Ferreira Candeias, realizou sessão solene de posse de novos membros no dia 21 de janeiro, na Igreja do Pateo do Collegio, em São Paulo. Foram empossados os Membros Titulares Acacio Vaz de Lima Filho, Henrique Nicolini, Jose Baptista de Carvalho, José Laurentino Gomes, José Raphael Musitano Piráquine, Kenneth Henry Lionel Light, Luthero Maynard, Marcel Mendes, Osvaldo Caron e Pedro Paulo Penna Trindade. Os novos membros foram saudados por Hernâni Donato. Como Membros Correspondentes, os acadêmicos Expedito Ramalho de Alencar (Campinas), Francisco Eduardo Alves de Almeida (Rio de Janeiro), José Carlos Daltozo (Martinópolis) e Paulo Gonzalez Monteiro (Santos). Foram laureados com o *Colar Comemorativo do Segundo Centenário da Vinda da Família Real para o Brasil* o Cônsul Geral/Embaixador de Portugal, José Guilherme Queiroz de Ataíde e o Superintendente Geral da Associação Viva o Centro, Marco Antonio Ramos de Almeida.

**Paulo Cezar Alves Goulart e Ricardo Mendes** foram os vencedores do *3º Prêmio Literário - José Celestino Bourroul - O melhor livro sobre São Paulo do ano de 2007*, com a obra *Noticiário Geral da Fotografia Paulista 1839 - 1900*. O Prêmio é concedido anualmente pela Academia Paulista de História, que é presidida pelo presidente executivo do Centro de Integração Empresa-Escola, Luiz Gonzaga Bertelli.



## Moda Belíssima

Roupa Européia

Tel.: (11) 3129-9511 com qualidade e elegância.

Av. São Luis, 192 - loja 22 - São Paulo - SP - 01046-000